

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte ..... 1\$000  
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

## A BASTARDA

### SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

#### IX

#### A MENSAGEM

Quando Joanna tornou a si, estava na sua cama; — Antoninha velava ao lado della, e duas velas ardiam em cima da mesa.

Sobreviera a noite durante o longo desmaio da moça.

O semblante de Joanna parecia ter sido modelado em um pedaço de cêra virgem por um grande artista.

Só os labios e as palpebras se destacavam, com a sua côr de um rôxo desmaiado, no tom geral daquella pelle avelludada e incolor, sob a qual poder-se-hia acreditar que já não circulava o sangue.

— Que aconteceu?... balbuciou a moça voltando em torno de si um olhar vago e incerto; que aconteceu?...

De subito, porém, levou ambas as mãos á fronte e exclamou:

— Ah! recordo-me!... recordo-me!...

E, atirando para longe as cobertas, saltou da cama.

— Que faz, minha ama?... que faz a senhora?... murmurou Antoninha assustada.

— Bem estás vendo o que faço, respondeu Joanna com voz incisiva e estridente; levanto-me... Que horas são?

— Meia-noite.

— Bem.

— Espero que minha ama não queira sahir...

— Não.

— Quer vestir-se?

— Quero.

— Que roupa deseja?

— Um vestido... um roupão... o que quizeres... pouco importa!

Em alguns minutos o vestuario de Joanna estava terminado, isto é, a sua criada acabava de enfiar-lhe um roupão e de atal-o á cintura.

Os pés da moça ficavam nus nas chinellinhas bordadas, e seus compridos cabellos louros cahiam-lhe em desordem sobre o collo e sobre o peito.

A sua pallidez não diminuia, mas havia no seu olhar uma flamma insustentavel.

Tinha ella a apparencia de uma defunta com pupilas de fogo.

— A senhora está doente? perguntou timidamente Antoninha.

— Não.

— Carece de mim?

— Não.

— Quando devo voltar?

— Quando quizeres.

Antoninha sahiu para ir contar a Nicasio o que se estava passando.

Accrescentemos, — para salvaguardar na opinião de nossos leitores a reputação da criada, — que o mascate a estava esperando na ante-camara.

Logo que Joanna se achou sózinha no seu quarto, levou para cima de uma secretariazinha as duas velas que se consumiam sobre a mesa.

Tirou da secretária uma folha de papel, pennas, lacre, grandes sobre-cartas, e pôz tudo isto em cima do movel, onde já havia um tinteiro.

Sentou-se, e, escondendo o rosto nas mãos, pareceu reflectir profundamente durante alguns minutos. Ao cabo desse tempo, ergueu a cabeça.

Expressão de profunda colera e frio odio se lhe via no formoso semblante.

Pegou em uma das pennas, cuja ponta quasi esmagou ao molhal-a no tinteiro, e pôz-se a escrever com prodigiosa rapidez.

Escreveu durante muito tempo.

Quatro paginas de papel de grande formato foram successivamente cobertas de linhas apertadas e irregulares.

Quando acabou assignou; dobrou depois as quatro folhas de papel, metteu-as em uma das sobre-cartas, e traçou o seguinte sobrescripto:



« Ao Sr. promotor publico,

« No palacio da justiça.

« Em Tours. »

Feito isto, pegou nas duas chaves enferrujadas, embrulhou-as cuidadosamente, juntou-as á carta, e de tudo fez um só envolvero atado com quatro fios e lacrado de todos os lados.

Em seguida olhou para o relógio.

Eram duas horas da manhã.

Joanna chamou :

— Antoninha !... Antoninha !...

A criada estava na antecâmara, e dormia ao lado de Nicasio, cada um em sua cadeira.

Ouvindo a ama chamar, acordou sobresaltada e acudiu.

— Minha filha, perguntou-lhe Joanna, a que hora amanhece ?

— A's seis, pouco mais ou menos, minha ama.

— Bem ! ás seis horas em ponto entrarás no meu quarto...

— Esteja descansada, minha ama.

— Onde está Nicasio ?

— Aqui na ante-sala ; está se ouvindo elle roncar.

— Dize-lhe que necessitarei de um serviço delle ao amanhecer, e que esteja prompto para partir...

— Creia que elle não se deitará, para estar acordado logo cedo...

— E' quanto tinha que te dizer...

— Então, posso retirar-me ?

— Podes.

— Boa noite, minha ama...

— Boa noite, minha filha...

Antoninha saiu.

Joanna deitou-se na cama, vestida como estava.

Até pela manhã, porém, nem um só instante veio o somno fechar-lhe as palpebras.

Logo que uma debil claridade appareceu no céu para os lados do Oriente, Joanna saiu do leito, onde não havia encontrado repouso.

Instantes depois, Antoninha entrava no quarto.

— Minha ama, disse ella, Nicasio está ahi..

— Manda-o entrar.

— Nicasio !... chamou Antoninha.

O mascate appareceu logo.

— Aqui estou, minha senhora, disse elle ; e, como sempre, prompto para o seu serviço !...

A moça agradeceu com uma inclinação de cabeça.

— Nicasio, perguntou-lhe depois, sabes montar a cavallo, meu amigo ?...

— Ah ! minha senhora ! ha muito tempo que não bifurco um animal... Mas antigamente sabia... e era cavalleiro, asseguro !... um animal chucro não me assustava... Creio que ainda hoje seria o mesmo...

— Vai então tomar Blak-Nick...

Antoninha fez um gesto de espanto.

Joanna jámais confiava o seu poney a ninguem, e Nicasio, — segundo a sua propria confissão, — devia ser mediocre cavalleiro.

— Que tempo é necessario para ir a Tours a cavallo ? tornou a moça.

— Isso depende da andadura do animal...

— Sempre a galope, á toda brida...

— O cavallinho vòu como o vento... em duas horas e um quarto... duas e meia, elle vencerá a distancia...

— Bem ! monte em Blak-Nick, e leve immediatamente este embrulho a Tours...

— A quem devo entregal-o, minha senhora ?

— Ao promotor publico. Se elle não estiver no palacio da justiça, vá á sua casa...

— E... uma vez desempenhada essa missão ?..

— Você esperará uma hora, ou nos arredores do palacio da justiça, ou nas proximidades da casa do promotor. Findo esse tempo, voltará aqui, sempre no mesmo andar, e dir-me-ha o que houver feito e o que tiver visto...

Nicasio recebeu o embrulho, foi á cavallariça, sellou o poney, montou, e cinco minutos depois partia a galope, seguido por Felpudo, que pulava de contentamento.

— Permitta Deus que o meu pobre Nicasio não caia em caminho !... murmurava Antoninha em tom contristado ; do modo por que vai, quebraria o pescoço com certeza !...

Joanna interrompeu as dolorosas apprehensões da sua criada.

— Minha filha, disse-lhe, preciso fallar ao velho que veio no outro dia em companhia de Nicasio... vai avisal-o...

Antoninha saiu.

Ao cabo de alguns instantes, voltou, dizendo :

— O velho, minha ama, não apparece em Thil-Châtel desde hontem ás duas horas... Não se sabe para onde foi...

— E' singular ! pensou Joanna.

E accrescentou em voz alta :

— Se elle vier, mandem-n'o cá immediatamente...

— Sim, minha ama.

Pelas dez horas da manhã, Joanna vestiu-se.

Tornou a enfiar o seu roupão de amazona, mandou que Antoninha lhe arranjasse os cabellos, pôz á cabeça o seu chapéo, e, sentando-se em uma larga poltrona junto á janella, esperou.

Uniforme e persistente rubor tinha substituído no semblante da moça a livida pallidez da vespera.

— Quer almoçar, minha ama ? perguntou-lhe Antoninha.

— Obrigada, filha ; não tenho fome.

— A senhora já hontem não comeu nada ; isso não póde continuar assim.

— Mais tarde ! mais tarde ! respondeu Joanna com impaciencia.

Antoninha teve que retirar-se, suspirando.

Bateu meio-dia.

Nesse momento, o tropel de um galope rapido e ligeiro retiniu ao longe e foi-se aproximando do castello ; — depois, Black-Nick e Nicasio entraram no pateo.

O pello negro e luzidio do poney estava branco de suor ; uma especie de nevoeiro desprendia-se-lhe do corpo todo.

Felpudo, cansado e coberto de pó, offegava e deixava pender a lingua.



Nicasio saltou do cavallo, que tomou sozinho o caminho da cavallariça.

O mascate, apeando-se, fez uma feia carantonha.

O prolongadissimo contacto com a sella tinha-lhe magoado notavelmente certa parte essencial da sua rachitica individualidade.

Entretanto, encheu-se elle de coragem e dirigiu-se para a escada.

Joanna não havia sahido da sua poltrona.

Não pronunciou nem uma palavra e limitou-se a interrogar Nicasio com o olhar.

— Minha senhora, disse este entrando, entreguei o embrulho...

— Ao proprio promotor?

— Sim, senhora.

— Em sua casa, ou no palacio da justiga?

— Em sua casa. — O criado não queria deixar-me entrar, a pretexto de que era demasiado cedo... Mas eu disse que era urgente, tão urgente, que a final conduziu-me a presença do amo...

— O promotor leu?

— Sim, minha senhora.

— Em sua presença?

— Em minha presença...

— Que lhe disse depois?

— Perguntou-me se sabia o que acabava de levar-lhe. — Respondi-lhe que não... e era a verdade...

— E depois?

— Depois... fez varias perguntas...

— A que respeito?

— A seu respeito, minha senhora.

— Perguntas a meu respeito!... exclamou Joanna... quaes foram?

— Que idade tinha a senhora... — Se era rica...

— Se era ajuizada. — Que se dizia da sua pessoa na localidade... — Emfim um montão de cousas!... Imagina como respondi...

— E que mais?

— Disse-me que podia retirar-me... — Sahi e, conforme a senhora me havia recommendado, esperei uma hora nas vizinhanças...

— E não viu cousa nenhuma de extraordinario?

— Vi, sim, minha senhora...

— Que foi? diga depressa!...

— O criado passou a correr... Voltou com um senhor todo vestido de preto... tornou a sahir, e trouxe um postilhão com tres cavallos... — Apparelharam os animaes no carro do Sr. promotor, e, na occasião em que eu montava de novo para regressar, uns dez policias a cavallo, fardados, collocavam-se em linha com o seu sargento na trazeira do carro... Cuido que não se demorariam a partir... Entretanto, se é para estas bandas que elles vêm, da maneira por que apertei a minha cavalgadura, devo ter, pelo menos, uma hora de avanço sobre elles...

Um sorriso de triumpho illuminou o semblante de Joanna.

— Obrigada, Nicasio, disse ella, obrigada, meu amigo! fez tudo quanto eu esperava de você... Agora, faça o favor de mandar sellar para mim Black-Nick...

— Como, minha senhora! exclamou Nicasio!... vai sahir no pobre animal?...

— E' necessario.

— Mas reflecta que elle tem suas dez leguas no lombo... e sempre a galope...

— Black-Nick é valente e animoso, replicou a moça pegando na chibata e mettendo no seio o massinho de cartas de Margarida. Póde levar-me ainda ao castello de Vezay!

## X

Alguns minutos foram sufficientes para mudar a sella do poney; — Joanna montou, e Black-Nick, reconhecendo a voz de sua senhora, partiu com tão rapida andadura como se sahisse pela primeira vez da estribaria, naquella dia.

A moça chegou á portinha por onde Nicasio se introduzira no parque, no dia em que fôra levar a Luciano de Villedieu a carta de Joanna Caillouet.

Prendeu a redea do animal a um dos varões de ferro da grade, empurrou a porta e entrou.

Do lugar onde ella estava, a vista alcançava até á extremidade das duas longas alamedas rectas.

Uma dessas alamedas conduzia ao castello.

A outra finalisava em um bonito copado de arvores duas vezes seculares.

Joanna ia seguir pela primeira dessas alamedas, quando avistou ao longe, sob as arvores seculares, dous vultos, que caminhavam lentamente, um ao lado do outro, de mãos enlaçadas.

Joanna estremeceu.

Convulsivo calafrio agitou-lhe os membros, e ella apertou o punho da sua chibata, como poderia tel-o feito ao cabo de um punhal.

Acabava de reconhecer Luciano e Magdalena, — os noivos da ante-vespera.

— Ah! murmurou a moça; estão alli!... tanto melhor!...

E encaminhou-se para o lado das arvores, a passo tão rapido que parecia uma corrida.

Luciano e Magdalena, já o dissemos, caminhavam enlaçados.

A moça reclinava-se no braço do marido.

No semblante de Luciano lia-se o triumpho e o amor feliz.

Os bellos olhos negros de Magdalena velavam-se de doce languidez.

Luciano inclinava-se para ella e fallava-lhe baixinho.

Os seus halitos se misturavam, — confundiam-se os seus olhares, — as suas mãos unidas tinham estremecimentos apaixonados.

Eram felizes!... bem felizes!...

Por mais abortos, porém, que estivessem no seu extasi e no seu afastamento da vida real, Luciano ouviu de repente por traz delle o ruido de passos precipitados.

Voltou-se e empallideceu.

Aquella mulher, vestida de amazona, e de quem



o separava ainda grande distancia, — era, não havia duvida, — era Suzana Caillonet.

De certo, naquella momento, não suspeitava Luciano o raio que estava prestes a cahir entre elle e Magdalena!...

Fôsse, porém, qual fôsse o motivo da presença de Joanna, — de Joanna irritada e ameaçadora, — aquella presença já era um escandalo, já era uma desgraça!...

A situação não offerecia sahida; era necessario aguardar.

Luciano voltou-se, e, cingindo Magdalena no braço esquerdo, como para protegê-la de qualquer insulto, esperou, — de frente erguida, olhar sereno, labio desdenhoso.

Ignorante do que se havia passado, Magdalena devia estar isenta de qualquer receio.

E no entanto, instinctivamente, sentia o coração se lhe confranger, — instinctivamente tremia.

Chegando a tres passos de distancia do visconde e de sua mulher, Joanna estacou, e, com os olhos faiscantes, o seio a offegar, os braços cruzados no peito, disse com voz incisiva e martellada:

— Não quiz, Sr. de Villedieu, não quiz acreditar na pobre rapariga que lhe jurava por Deus e pela memoria de sua mãe que o seu casamento era impossivel... Desprezou o solemne aviso que ella lhe dava!... Recusou-se a ouvi-la!... Disse: *comsigo mesmo: Ella mente ou está louca!*... e proseguiu no seu caminho!... — Sabe o que fez, Sr. de Villedieu?... casou-se com sua irmã!...

Magdalena soltou um grito agudo, e, sem consciencia talvez, — desprendeuse do braço que a enlaçava.

O visconde fez um gesto de desdenhosa incredulidade.

Joanna proseguiu:

— Oh! bem sei que o senhor não me acredita! disse ella; daqui a pouco, porém, será forçado a acreditar! — Sr. Luciano de Villedieu, aquella com quem se casou ante-hontem é filha do visconde Armando de Villedieu, seu pai, amante da condessa Margarida!... Seu pai não morreu, conforme o senhor crê, afogado por accidente no Loire; — morreu assassinado na noite de 20 de Setembro de 1820, pelo conde de Vezay, que acabava de sorprendel-o, ás duas horas da manhã, no quarto da condessa... Eis o que lhe queria dizer, eis o que eu lhe queria provar!... O senhor, porém, não foi, e agora é demasiado tarde!...

Luciano estava pallido como um espectro.

Entretanto esforcou-se por modular uma risada ironica.

— Está representando uma triste comedia, minha senhora!... murmurou elle.

— Ah! replicou Joanna; o senhor não me acredita!... é justo! eu não apresentei provas!... Na sua opinião sou uma louca ou uma mentirosa... pois bem! aqui tem, leia e acredite.

E, arrancando do seio as cartas da condessa, apresentou-as a Luciano, que tomou-as com mão tremula e percorreu-as com olhar desvairado.

Magdalena sentia-se morrer.

A' medida que Luciano lia, a sua pallidez se tornava livida e seus olhos se abriam desmedidamente nas orbitas.

— Então, senhor? perguntou Joanna implacavel; duvida ainda?... ainda escarnece agora?...

— E, balbuciou Luciano com voz sumida, a senhora assevera que o Sr. de Vezay conhecia o culpado amor de que são prova estas cartas?...

— Porque seria então que elle teria assassinado seu pai, se não conhecesse o seu amor adultero?...

— Assassinado! repetiu Luciano.

— Assassinado, sim!... e disso tambem terá o senhor a prova dentro em breve!...

Sob esses successivos choques, o visconde ficou durante alguns segundos completamente aterrado.

Mas recuperou logo o animo e exclamou:

— Não!... é impossivel!... em vão meus olhos veem, não acredito no que estou vendo!... Jámais... jámais o conde de Vezay teria consentido em que se casasse o irmão com a irmã... O conde é um nobre ancião e não um assassino!... Venha, Magdalena, venha para junto de seu pai!... Vou dizer-lhe o que se passa, e elle nos explicará tudo!... dar-nos-ha a decifração desse horrivel mysterio!...

E o visconde, tomando a mão gelada da moça, conduziu-a para o castello.

— Corram! murmurou Joanna, corram ao encontro de uma nova desgraça!...

E seguiu-os de longe.

No momento em que Luciano e Magdalena chegavam ao pateo de honra, singular desordem parecia reinar no castello.

Uma carruagem de posta estacionava em frente á escada exterior.

Os criados azafamados formavam um grupo junto á entrada da cozinha.

Dous policiaes a cavallo, de mosquete ao hombro, andavam no pateo, de um para outro lado.

Outros faziam sentinella em todas as saídas... — Oh! Deus do céu! exclamou Magdalena!... que succede?... tenho medo!...

Luciano não respondeu.

Unicamente, amparando com mais força a moça, cujas pernas vergavam-se, subiu os degrãos da escada.

Um policial guardava a porta do vestibulo.

Luciano quiz passar.

A sentinella atravessou-se na porta, e disse:

— Não se entra...

— Perdão, replicou o moço com voz tremula, mas sou o visconde de Villedieu, genro do conde de Vezay, e minha mulher e eu carecemos passar.

— Não se entra, articulou a sentinella pela segunda vez.

— Mas...

— E' a ordem que tenho; falle ao sargento.

— Onde está elle?

— No pateo, junto ao carro.

(Continúa no proximo numero.)

## EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quizerem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.